



# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Liberdade**

código  
**AVII – FO2 – Mir**

localização  
**Km 236 da RJ116, que liga Itaboraí a Itaperuna**

município  
**Miracema**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**pecuária leiteira / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



Fazenda Liberdade, fachada principal

coordenador / data **Marcelo Salim de Martino – mar/abr 2009**  
equipe **Vitor Caveari Lage e Jean Rabelo Ferreira**  
histórico **Marcelo Salim de Martino**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**

O acesso à Fazenda Liberdade é feito através de uma estrada vicinal, que tem início no km 236 da RJ-116 (Rodovia Presidente João Goulart), que liga Itaboraí a Itaperuna (f01 e f02). Na beira da estrada está localizado o curral, o barracão para a guarda de carros-de-boi e a casa de colono. Mais adiante se encontram: a casa de força, cevas, máquina de beneficiar café e arroz e o terreiro de café (f03 a f07, f08 e f09).

A casa-sede fica localizada numa elevação, de onde se pode avistar a estrada. Do lado esquerdo da sede está localizado parte do pomar da fazenda, onde se destacam as sempre viçosas jabuticabeiras (f10). Pouco mais adiante, encontramos o açude cercado de bambus gigantes que embelezam aquele bucólico recanto (f11). De lá, parte a água que abastece a fazenda, transportada por uma banquetta de tijolos maciços revestidos com massa (f12), passando pela ceva e terminando onde outrora esteve instalada uma roda d'água (f13).



01



02



03



04



05



06



07



08



09



10



11



12



13

Utilizando a linguagem do neoclássico, a casa-sede encontra-se projetada com a planta em formato de “L” invertido, estando assentada sobre platô em aclave, o que determina que a fachada principal apresente porão alto e a parte dos fundos seja térrea (f14 e f15).

O corpo principal da construção, com uma volumetria compacta, além do aspecto de sua implantação, é valorizado pelo desenho da cobertura e pela composição ritmada dos vãos de sua fachada frontal no segundo piso (f16). São oito vãos de janelas, distribuídos quatro a quatro, centralizados por um alpendrado, através do qual se tem acesso à duas portas que levam a parte íntima da casa. As janelas possuem cercaduras em madeira, vergas e sobrevergas retas – estas últimas em cimalha de estuque –, pintadas de azul, mantendo folhas externas em venezianas e guilhotinas internas em caixilhos de vidro (f17 e f18).



14



15



16



17



18

\*(Texto parcialmente transcrito do “Projeto de Conservação e Preservação – Histórico e Análises de Situação e Contexto da Fazenda Liberdade”, elaborado pela Oikos Arquitetura em Julho / 2008 para a Prefeitura Municipal de Miracema)

É possível perceber a influência neoclássica, através da existência de bandeiras sobre as portas internas (f19) e das sobrevergas que compõem as janelas das fachadas principais, bem como os frisos de cimalthas acima destes vãos, ambos em estuque, técnica muito utilizada na região (f20).

A cobertura é de telha cerâmica do tipo capa e canal. Chamamos a atenção para os originais e raros recortes de acabamento feitos nas telhas que compõem todas as extensões dos beirais, requintes da arquitetura colonial. Porém, o beiral é arrematado por uma cimaltha de madeira, muito simples (f21).

Os forros da ala principal são de madeira, do tipo saia e camisa (f22). Já na ala de serviço, onde estão localizadas uma copa e pequenos quartos, provavelmente ocupados por empregados, foram executados em taquara, com padrões geométricos e coloridos, por antigos empregados da fazenda (f23).



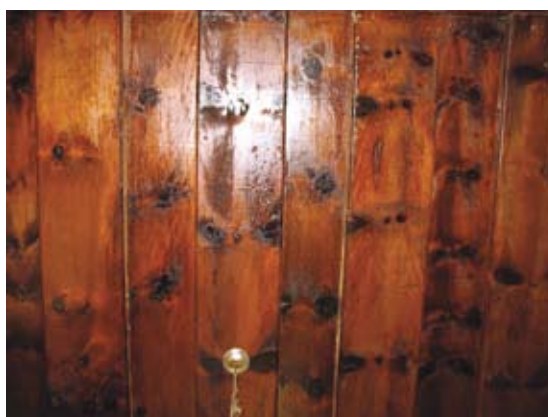
19



20



21



22



23

A sala principal possuía, segundo testemunho dos proprietários da terceira geração, teto com fino e requintado trabalho em estuque, em cujo medalhão central reproduzia Ceres, a deusa da mitologia grega que representa a proteção da lavoura, guarnecida por jarrões com flores, buquês e as iniciais dos proprietários – JAB (Josino Antônio de Barros) e APB (Amélia Padilha de Barros). Há ainda o registro, neste ambiente, da cimalha de estuque que circunda toda a sala (f24). Ainda segundo o testemunho das netas dos proprietários, as paredes eram forradas com papel na cor azul trabalhado com motivos florais.

A casa possui 12 quartos, quatro salas, um escritório com entrada independente, cozinha, despensa e um banheiro.

As construções do século XIX passaram, ao final deste, por um processo de “modernização”, sobretudo as localizadas nos pequenos núcleos urbanos e na zona rural. Miracema, nessa época, por contar com abundante mão-de-obra especializada na construção civil, assiste à “requalificação” de seus casarões. A sede da Fazenda Liberdade também foi modificada nesse momento. Assim, foram detectadas algumas intervenções modernizadoras, como nas janelas das fachadas principal e laterais, acréscimos etc. A maior parte dessas intervenções, no geral, é incorporada em uma nova linguagem formal chamada ecletismo.

A alteração descaracterizadora mais evidente está registrada no alpendre, onde parte do telhado se sobrepõe às duas portas de acesso, levando aos seus fechamentos abaixo da altura original (f25).



24



25

Com o envelhecimento dos proprietários e com a mudança para a cidade, a casa-sede da Fazenda Liberdade entrou em acelerado processo de degradação. A cobertura, no geral, apresenta-se em condições razoáveis, não sendo detectadas patologias que comprometam sua estabilidade. As linhas de cumeeiras e espigões mantêm-se niveladas. As telhas de barro, em capa e canal, apresentam bom estado de conservação (f26).

Mesmo com a existência de várias telhas corridas e quebradas, atualmente, são poucas as infiltrações por descendência que ocorrem no período das chuvas. A cimalha de madeira sobre o beiral, bastante comprometida, não parece ser original. A régua no centro (em vermelho), por mais que pareça ser um detalhe decorativo, tem como função principal sobrepôr-se às emendas das tábuas na horizontal (f27).

Foram detectadas trincas verticais em alguns encontros de paredes, que podem representar deslocamentos de esteios ou, até mesmo, perda de material no encontro de frechais (f28). A ocorrência de trincas sobre as janelas, onde houve a substituição da vedação de pau-a-pique por tijolo maciço, pode ser decorrência da retirada das partes inferiores dos portais dessas janelas, fato esse que altera a relação de distribuição de cargas até então concentradas no arcabouço de madeira que sustenta e dá estabilidade à construção (f29).

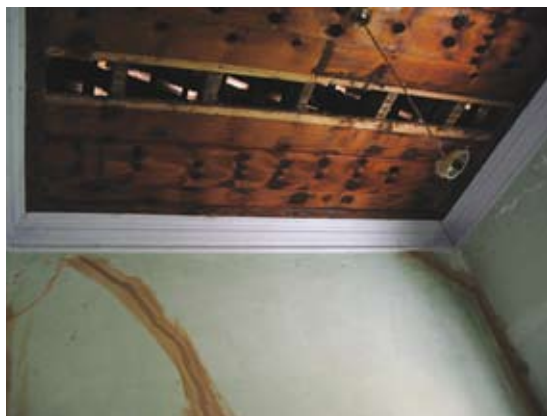
A existência de xilófagos da espécie cupim de solo provocou a deterioração de alguns portais, barrotes do porão, esteios, frechais, assoalhos e madres. A infestação é mais percebida no porão. Assim mesmo não se apresenta de forma generalizada (f30).



26



27



28



29



30

\* Texto baseado e parcialmente transcrito do Projeto de Conservação e Preservação – Histórico e Análises de Situação e Contexto da Fazenda Liberdade, elaborado pela Oikos Arquitetura, em julho / 2008, para a Prefeitura Municipal de Miracema

O alpendre tem seus barrotes e assoalhos totalmente irrecuperáveis. A escada de acesso em alvenaria de tijolo maciço, bem como os telhados, gera uma volumetria desproporcional à original, devendo ser objeto de proposta de requalificação (f31). Os forros de madeira, todos em saia e camisa, foram afetados por umidade descendente e, conseqüentemente, por fungos e xilófagos, com muita perda de material (f32). Os assoalhos também o foram, porém em quantidade menor de perdas, com exceção dos correspondentes ao alpendre, que estão totalmente danificados, inclusive seus barrotes. As portas, com exceção das localizadas na atual cozinha e depósito, totalmente degradadas, estão em boas condições. As venezianas externas da fachada principal e das laterais exigem cuidados por estarem desarticuladas, ressecadas e com algumas falhas.

Pequenas obras de conservação deveriam levar em consideração a manutenção da originalidade dos aspectos estéticos e também dos materiais utilizados. No caso da substituição do forro em estuque, provavelmente deteriorado, pelo de madeira existente, perdeu-se muito no que diz respeito à harmonia desses elementos, transformando o paliativo em definitivo.

Foram encontrados registros de pinturas decorativas nas paredes da antiga sala-de-jantar. Aparentemente são pinturas simples imitando texturas de madeiras, mas que revelam as técnicas e os padrões utilizados, no século XIX, para essa finalidade (f33). O antigo acesso principal à casa foi executado com soleiras de pedras e seus arrimos na técnica em pedra seca, todas cortadas e esquadrejadas à mão (f34 e f35).



31



32



33



34



35



Os assoalhos, ainda utilizando em grande parte as tábuas originais, foram alterados em intervenções de manutenção e, em alguns pontos, o uso de procedimentos e materiais diferentes dos originais, geram influências e conseqüências questionáveis, sob o ponto de vista da conservação preventiva (f36). O piso hidráulico é utilizado como pavimentação de partes de áreas frias, elemento em uso nas construções de interesse histórico desde meados do século XX, em pleno ecletismo. Seu uso por décadas causou desgastes acentuados nas áreas de maior circulação, e, conseqüentemente, várias reposições de peças (f37).

Reflexos da adoção de novos hábitos são percebidos nas construções de interesse histórico em geral, nesse caso, nas janelas externas das fachadas, principal e lateral. A introdução de venezianas protegendo as guilhotinas contraria a versão neoclássica, onde as folhas são cegas e internas, promovendo descontinuidade na leitura das fachadas (f38).

No final do século XIX, o uso de ferramentas mais adequadas provocou o avanço nas tecnologias da construção. Assim, foi possível obter elementos como pequenas cimalthas de madeira, encaixes mais precisos e artefatos de ferro fundido mais delicados, o que viabilizou a “passagem” entre os estilos em vigor na época.

Em 2008, a Prefeitura Municipal de Miracema, atendendo a solicitação do proprietário, encomendou a uma firma especializada em restauração um projeto de conservação e de preservação da casa-sede, dada a importância e o significado do ponto de vista histórico e arquitetônico que a mesma representa para a região.

A sede da fazenda, no momento da elaboração deste fichamento, estava passando por um processo de recuperação da cobertura, com a substituição de telhas quebradas, tábuas de beira, pintura interna (caiação) e preenchimentos de pequenas trincas com massa de cimento.



36

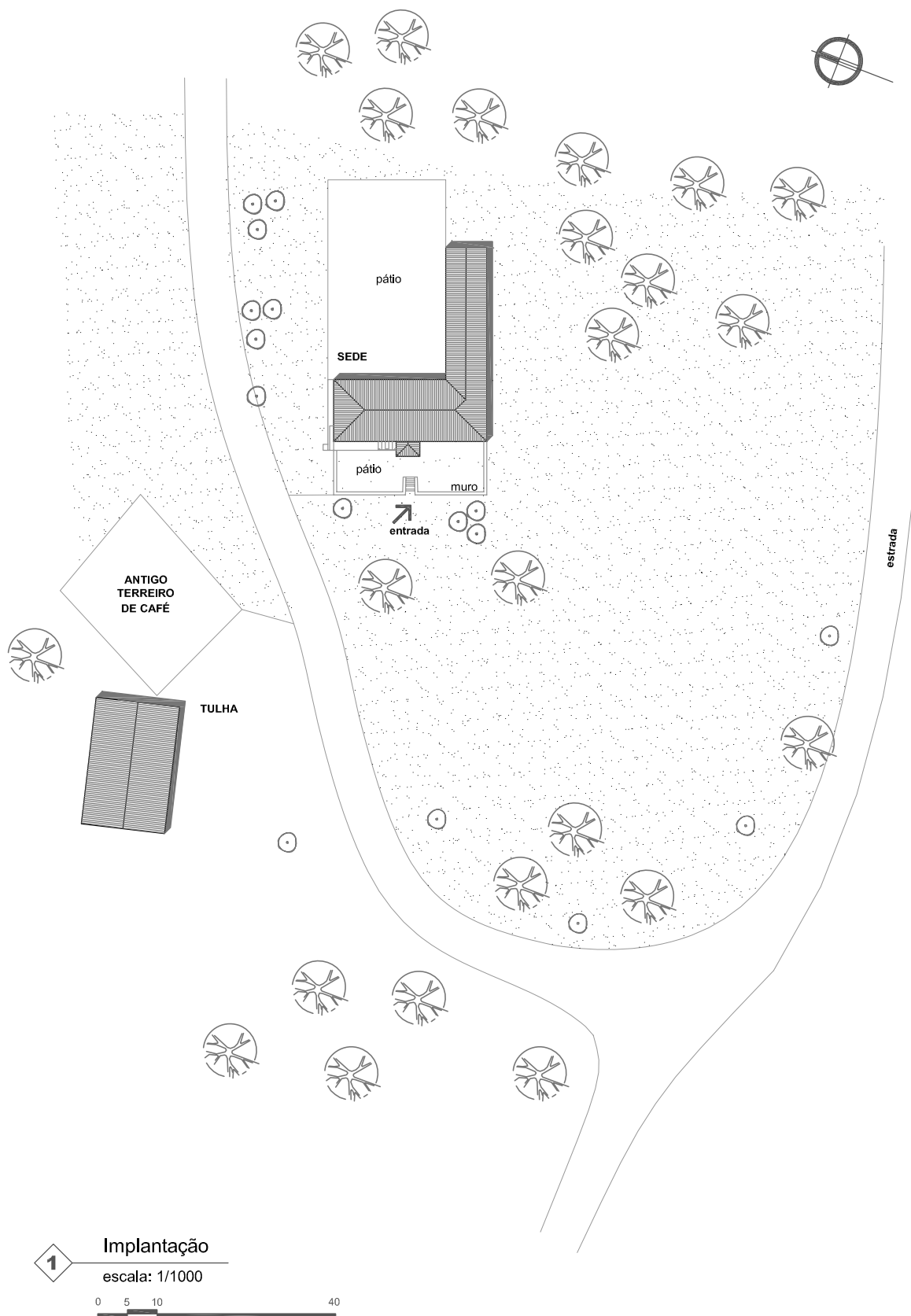


37

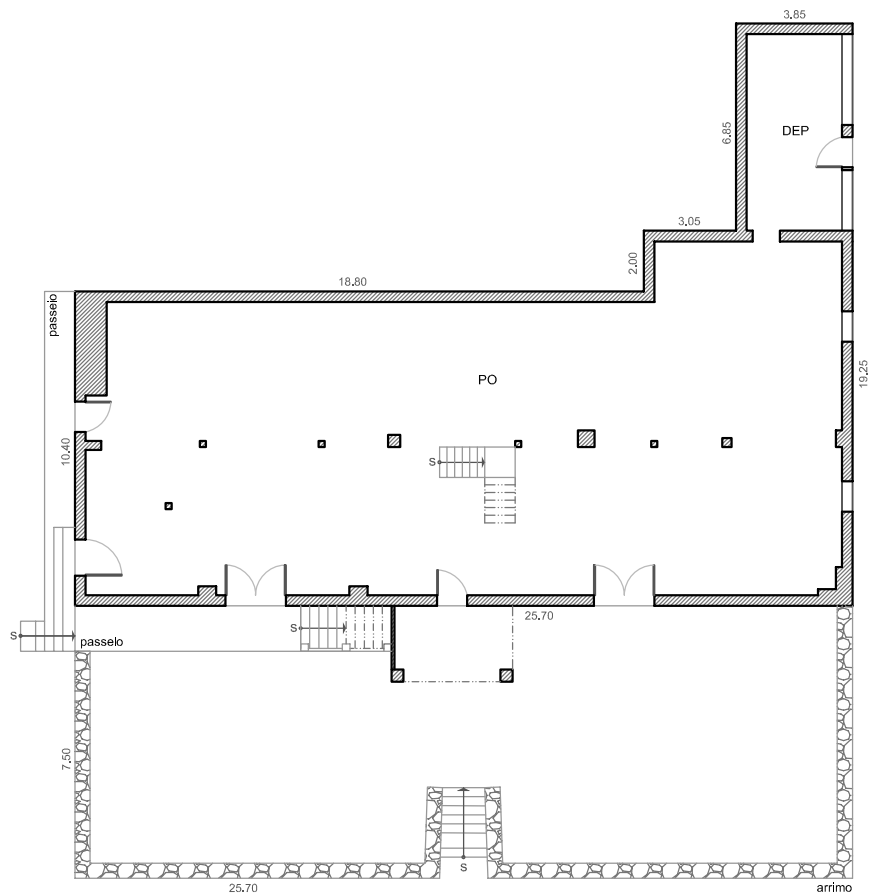


38

**FAZENDA LIBERDADE**



**FAZENDA LIBERDADE**



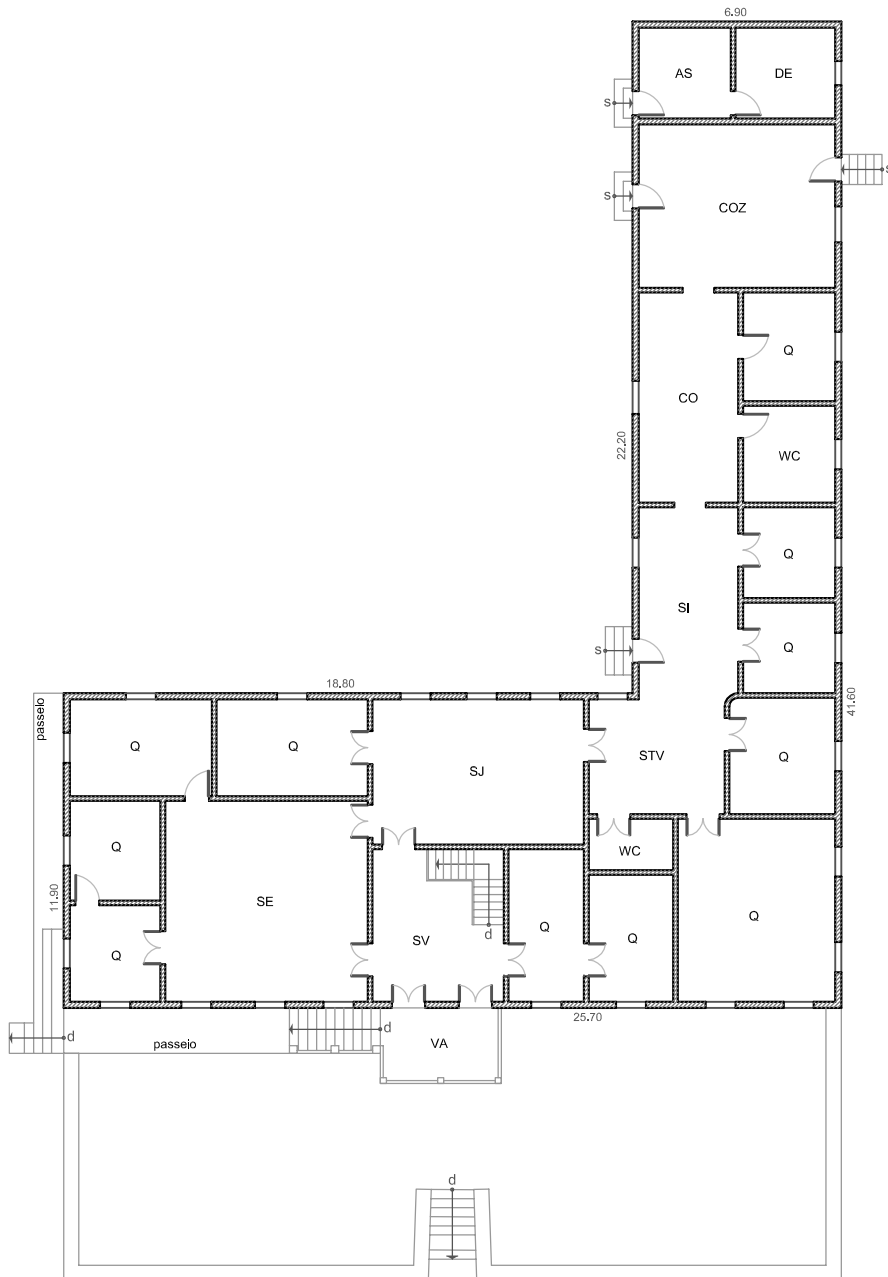
**1** Planta Baixa da Sede - Térreo  
 escala: 1/250



DEP - depósito  
 PO - porão

alvenaria existente  
 alvenaria demolida

**FAZENDA LIBERDADE**



**1** Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento  
escala: 1/250



AS - área de serviço	COZ - cozinha	Q - quarto	SI - sala íntima	STV - sala de tv	WC - banheiro	alvenaria existente
CO - copa	DE - despensa	SE - sala de estar	SJ - sala de jantar	SV - sala de visita	VA - varanda	alvenaria demolida

A Fazenda Liberdade era propriedade do tenente-coronel Josino Antônio de Barros, que nasceu na Fazenda das Três Ilhas, em São José do Rio Preto, atual São José das Três Ilhas, Minas Gerais, de propriedade de Antônio Bernardino de Barros e Silvana do Vale Barros (segundo matrimônio), seus pais.

Antônio Bernardino de Barros era filho de José Bernardino Monteiro de Barros, proprietário de uma fazenda de criação que se destinava a abastecer a população da zona de mineração aurífera.

Já no século XIX, com o surgimento da lavoura cafeeira, Antônio Bernardino de Barros transferiu-se para São José do Rio Preto, onde estava situada a Fazenda Três Ilhas, dedicando-se à cultura de cana e café.

Antônio Bernardino de Barros, como diversos mineiros que para lá se transferiram atraídos pela fertilidade da terra, adquiriu uma sesmaria de terras no município de Santo Antônio de Pádua, região que futuramente seria denominada de Miracema, na época habitada por índios.

Antônio faleceu pouco depois de 1840. Josino, seu filho, com muito pouca idade, foi educado pelo tio, Gabriel Antônio de Barros, Barão de São José Del Rey, no então afamado Colégio do Caraça, em Mariana – (MG).

Na divisão da herança deixada pelo pai, a sesmaria localizada em Miracema foi repartida pelos três filhos do primeiro matrimônio que aqui se estabeleceram, surgindo assim as fazendas de São Luís, de Custódio Bernardino de Barros, Paraíso, de Plácido Antônio de Barros e Santa Inês, de Francisco Bernardino de Barros.

Após os irmãos terem se estabelecido como fazendeiros, Josino resolveu visitá-los. Na época, conheceu a filha do Coronel Joaquim de Araújo Padilha e de D. Ana Minervina de Alvim Padilha, Amélia, com quem se casou.

Adquiriu então uma fazenda e deu-lhe o nome de Liberdade que, segundo informações de seus familiares, chegou a colher, em sua primeira safra, 150 mil quilos de café. Vivendo no tempo em que a escravidão era instituída como regime de trabalho humano, não foi possível evitá-la. Dentro de suas possibilidades libertou vários escravos e, compreendendo o sentido da mudança do tempo, preferia o regime assalariado ao escravagista. Assim, fez vir e instalou nas terras da fazenda imigrantes de origem italiana.

Suas netas, Maria Augusta e Maria Amélia e Silvia contam que o castigo comum atribuído aos escravos de sua propriedade era tomar banho com sabão. Ainda segundo depoimento delas, outra peculiaridade das “estórias” da fazenda é que Josino Antônio de Barros costumava deixar o paletó pendurado perto dos trabalhadores e ia dormir. Então, os escravos comentavam – “Sô Tenente taí!”.

O Coronel Antônio Josino de Barros participou intensamente do movimento republicano, sendo um dos primeiros propagandistas da república, fundando em 1886, ao lado de muitos outros, o Clube Propagandista da República de Pádua.

Em 1890, foi nomeado intendente e, de 1897 a 1900, foi presidente da Câmara de Pádua, época em que introduziu, entre outros melhoramentos, o serviço de água potável, com a construção de caixas distribuidoras e chafarizes públicos. Em Miracema, onde já existia abastecimento de água, o sistema foi ampliado e melhorado.

Josino foi agraciado com a patente de tenente-coronel, da Extinta Guarda Nacional e foi escolhido Deputado Estadual por três vezes.

Como fazendeiro, não se dedicava tão somente à cultura cafeeira. Experimentou a criação de ovinos, importando o famoso carneiro “merino”. Construiu açude, plantava arroz e, ao longo dos caminhos da fazenda, viam-se cedros, bandarras, pinheiros e até casuarinas da Austrália.

Nessa fazenda nasceram e cresceram seus filhos: Arquimedes, Ana, Joaquim (Quinca), Mariana, Leopoldina, Henedina, Antonio Rattes (Titotonho), Israel e Lucília, do primeiro matrimônio com Amélia Padilha de Barros, e Aristeu, Constança, Mercedes, Lígia, Gideão, Adiles e Maria do Carmo, do segundo casamento, com Bernardina Teixeira de Barros.

O Coronel Antônio Josino de Barros faleceu em 1909<sup>1</sup>. A Fazenda, atualmente, está dividida entre os herdeiros de Antonio Rattes de Barros (filho do coronel Josino) e de Diva Lima Barros.

---

<sup>1</sup> Exposição Casas de Fazenda – outubro de 1993 – dos escritos de Rômulo Alves de Barros, adaptados por Marcelo Salim de Martino

